

Manifestações do distúrbio de identidade de gênero no brincar¹

Paula Cristina dos Santos Rodrigues *

Resumo

As crianças que apresentam nas suas brincadeiras condutas típicas do sexo oposto são motivo de preocupação por parte dos adultos e a ideia de que elas se tornarão indivíduos com escolhas sexuais diferenciadas, põe em causa os conceitos estabelecidos pela sociedade. De facto, quando isto acontece, torna-se importante descortinar se estes comportamentos são apenas exploratórios e passageiros, ou se reflectem problemas relacionados com o desenvolvimento da identidade de gênero da criança. A apresentação de um estudo de caso pode ajudar a elucidar melhor os profissionais que se deparam com este tipo de condutas.

1. INTRODUÇÃO

Pouco se sabe acerca do que acontece a uma criança que se engaja em comportamentos de jogo preferidos pelo gênero oposto, tanto como ocorrência ocasional ou como um padrão geral, no entanto, alguns estudos têm sido feitos com crianças que têm comportamentos de gênero cruzado. Então, dado que o jogo é um modo primário de expressão das crianças, no que diz respeito à sua identidade pessoal e competências sociais, que o comportamento cruzado de gênero no jogo é relatado retrospectivamente por adultos travestistas e transexuais (Docter, 1988) e que diferenças sexuais no jogo têm sido estabelecidas desde os primeiros anos pré-escolares, o acesso ao jogo tipificado por gênero torna-se uma tarefa central no diagnóstico de um potencial distúrbio de gênero num menino ou numa menina.

Iniciarei pela caracterização do distúrbio de identidade de gênero (DIG), tal como descrito no manual de distúrbios mentais (DSM), a seguir contraponho o DIG com o distúrbio de comportamento de gênero (DCG) e, por último, faço a apresentação de um estudo de caso.

2. CARACTERIZAÇÃO DO DISTÚRBIO DE IDENTIDADE DE GÊNERO

Apesar de já ter sido falada anteriormente, a identificação de uma nova e reconhecida forma de psicopatologia, denominada de distúrbio de identidade de gênero da infância (DIG), só foi oficial em 1980, cujo diagnóstico estava incluído no DSM-III (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Third Edition*). O diagnóstico era destinado a crianças pré-adolescentes com uma angústia intensa e persistente acerca do seu papel de gênero ou sexo anatômico. Em 1987, foi acrescentado no manual revisado (DSM-III-R), o novo diagnóstico de distúrbio de identidade de gênero de adolescentes e adultos, do tipo não transexual, ou seja, indivíduos pós-púberes que têm um desconforto persistente com o seu designado sexo, que repetidamente se vestem com roupas do gênero oposto e que não têm um desejo persistente de mudar as características sexuais primárias e secundárias para as do sexo oposto, enquadram-se dentro deste diagnóstico. Nesta edição revisada, são referidos estudos indicando que, de um a dois terços de meninos com este distúrbio desenvolvem uma orientação homossexual durante a adolescência.

Posteriormente, em 1994, surge a quarta edição do DSM, no qual é referido que para que se faça o diagnóstico, devem estar presentes dois componentes (Critério A e B) do DIG, já referidos nas outras edições, e mais dois critérios:

Critério A: deve existir uma forte e persistente evidência de identificação cruzada de gênero, a qual se traduz no desejo de ser, ou a insistência de que se é do sexo oposto. Esta identificação cruzada não deve ser apenas um mero desejo por alguma vantagem cultural de se ser do sexo oposto.

Critério B: deve, também, existir a evidência de um desconforto persistente acerca do seu sexo atribuído ou uma percepção de inadequação no papel de gênero desse sexo.

Critério C: o diagnóstico não pode ser realizado se o

indivíduo tem uma condição concomitante de intersexo (por exemplo, síndrome de insensibilidade andrógena ou hiperplasia adrenal congênita).

Critério D: para que o diagnóstico se faça deve existir a evidência de angústia e danos em áreas de funcionamento social, ocupacional ou outras áreas importantes (p.537-538).

Nesta última edição, são incluídos, pela primeira vez, exemplos na categoria distúrbio de identidade de gênero sem outra especificação. Nela são incluídos DIGs que não são classificados como distúrbio específico da identidade de gênero. Os exemplos incluem: condições intersexuais acompanhadas de disforia de gênero; comportamento transitório do uso de roupas do gênero oposto relacionado com o *stress*; preocupação persistente com castração, sem o desejo de adquirir as características sexuais do sexo oposto.

Passo então, à descrição detalhada das características diagnósticas do DIG em meninos e em meninas, tal como descrito na versão mais atualizada do DSM (1994):

"Em meninos, a identificação com o gênero oposto manifesta-se através de uma marcada preocupação com atividades tradicionalmente femininas. Eles podem ter preferência por se vestirem com roupas de meninas ou de mulheres ou podem improvisar esses itens a partir de materiais disponíveis quando artigos genuínos não estão à sua disposição. Toalhas, aventais e lenços são normalmente usados para representar cabelos longos ou saias. Existe uma forte atracção por jogos e passatempos estereotípicos de meninas, como brincar de casinha, fazer desenhos de lindas meninas e princesas e assistir a vídeos de suas personagens femininas preferidas. Bonecas como a Barbie, são normalmente os seus brinquedos prediletos e as meninas são as suas companhias preferidas. Quando brincam de casinha, estes meninos representam papéis de figuras femininas, sendo o papel de mãe o mais comum, e habitualmente ocupam sua fantasia com figuras femininas. Eles evitam brincadeiras mais violentas e desportos competitivos, tendo muito pouco interesse em carrinhos e camiões ou noutros brinquedos não agressivos mas estereotipadamente masculinos. Podem expressar um desejo de serem meninas ou declarar que quando crescerem serão mulheres. Podem insistir em se sentarem para urinar e fingirem não possuírem pênis, escondendo-o entre as pernas, ou que têm ou desejam ter uma vagina.

As meninas com DIG, revelam reações negativas intensas às expectativas ou tentativas de seus pais para que usem roupas femininas. Algumas podem recusar comparecer à escola ou a eventos sociais, onde tais roupas tenham de ser usadas.

Elas preferem roupas de meninos e cabelos curtos, sendo erroneamente confundidas por estranhos como meninos, podendo também pedir que sejam tratadas por nomes masculinos. Seus heróis de fantasia são normalmente figuras masculinas poderosas, tais como 'Super-homem' ou 'Batman'. Estas meninas preferem os meninos como seus companheiros de jogo, com os quais partilham interesses em jogos de contato, jogos violentos e jogos tradicionalmente masculinos, demonstrando pouco interesse em bonecas e em atividades de papéis de jogo femininos. Uma menina com este distúrbio, pode ocasionalmente recusar-se a urinar sentada; argumentar que tem ou que terá um pênis quando crescer e não desejar desenvolver seios ou menstruar. Ela pode declarar que será um homem quando crescer. Essas meninas tipicamente revelam uma acentuada identificação com o gênero oposto em brincadeiras, sonhos e fantasias". (p.533)

Quanto à evolução do DIG, Haroian (1992), refere que a manifestação adulta, tecnicamente falando, é o transexualismo, expressado no sentimento de se estar preso no corpo do gênero oposto.

A autora continua dizendo que, muitas vezes, o DIG nas crianças, é confundido com homossexualidade e que os pais destas crianças procuram diagnóstico e tratamento para elas em resposta aos sintomas de maneirismos e

comportamentos do gênero oposto. Alerta, ainda, para o fato de que os pais das crianças com DIG, necessitam saber que elas podem ter uma variedade de consequências no que diz respeito à sua sexualidade adulta. Algumas serão heterossexuais, e o fato de terem tido o distúrbio quando crianças não será reconhecido. Outras, no entanto, podem demonstrar homossexualidade, transexualidade, travestismo (1) ou possivelmente outras expressões de desvio sexual.

Concordando, no DSM-IV vem referido que, três quartos dos rapazes que tiveram uma história de DIG na infância apresentam uma orientação homossexual ou bissexual, sem um DIG concomitante e que, a maior parte dos restantes, declara uma orientação heterossexual, também sem um DIG concomitante. As percentagens correspondentes, no que diz respeito à orientação sexual, das meninas não é conhecido.

3. DISTÚRPIO DE IDENTIDADE DE GÊNERO *VERSUS* DISTÚRPIO DE COMPORTAMENTO DE GÊNERO

Para que se considere as crianças cujo comportamento cruzado de gênero ou comportamento andrógino é aprendi-

"Os pais das crianças com DIG, necessitam saber que elas podem ter uma variedade de consequências no que diz respeito à sua sexualidade adulta."

do e reforçado pelo ambiente, em vez de ser ligado a uma crença persistente de que são, de fato, do sexo oposto, Rekers & Milner (1978), sugerem que o DIG deverá ser diferenciado do distúrbio de comportamento de gênero (DCG), apresentando com exemplos clínicos estas diferenças.

Dizem que, o DCG, ocorre em crianças de ambos os sexos dos três aos dezessete anos de idade e requer dois ou mais dos sintomas a seguir referidos, para que se estabeleça a necessidade de uma avaliação mais compreensiva.

Em meninos: a) uso atual ou improvisado de roupas femininas e artigos cosméticos; b) maneirismos aparentemente femininos; c) comportamento sexual desviante ou padrões de masturbação; história associada com roupas ou artigos femininos; d) aversão ou afastamento de atividades com outros meninos ou preocupação com atividades e jogos de meninas, desempenhando papéis femininos no jogo; e, e) modulação da voz altamente parecido com a modulação feminina e/ou conteúdo de discurso predominantemente feminino.

Em meninas: a) insistência em usar roupas estereotipadamente masculinas conjuntamente com a rejeição do uso de vestidos, saias, artigos cosméticos e jóias; b) maneirismos aparentemente masculinos; c) comportamento sexual desviante ou padrões de masturbação associados com itens de roupas masculinas; d) aversão ou afastamento de atividades com outras meninas ou preocupação com brincar apenas com meninos com expresso ou implicado desejo de ser considerado como um menino, incluindo o desejo de ser chamada por um nome masculino; e, e) uso de baixa modulação de voz artificialmente induzido e/ou tópicos predominantemente masculinos no conteúdo do discurso.

Ainda de acordo com estes autores, a temporalidade destes padrões de comportamento é uma variável importante, antes de se considerar qualquer um dos comportamentos citados acima como potencialmente sintomáticos do distúrbio de comportamento de gênero em meninas, dado que em muitas delas a fase temporária de serem "maria-rapaz", faz parte do seu saudável desenvolvimento emocional.

Na opinião de Haroian (1992), o conceito de DCG é interessante e a distinção feita pelos dois autores referenciados acima, é significativa. Diz ainda, que a manifestação adulta do DCG pode ser o travestismo e o comportamento afeminado.

Além destes dois diagnósticos mencionados, os autores referidos, chamam a atenção para aquelas crianças que, desde a infância até à adolescência, indicam começos de um desvio sexual crônico ao exibirem masturbação pública, ataques de comportamentos sexuais, extrema ansiedade ao longo do processo da adolescência, delinquência envolvendo representa-

ções sexuais, e outras dificuldades de ajustamento sexual, ou uma história de abuso sexual.

Apesar dos manuais não nos oferecerem alternativas de classificação que permitam particularizar diferentes situações que podem ser encontradas e que denotam um comprometimento do gênero em níveis e condições diversas, eles servem para que se tenha uma visão clara do distúrbio, visto que, é assentada em bases comportamentais.

Mesmo assim, Stoller (1993), expõe que as condições que apresentam distorções na masculinidade e feminilidade de um indivíduo, pertencem claramente, a uma classificação de distúrbios de identidade de gênero. Assim, propõe uma classificação sobre estes distúrbios que se podem manifestar na infância. Inicia pelo transexualismo, o qual divide em primário e secundário, sendo que, este diferencial é apresentado principalmente para os homens. Continua, com a apresentação de distúrbios como o travestismo, homossexualidade com inversão de gênero, intersexualidade, hermafroditismo, indivíduos psicóticos e os que apresentam comportamento de gênero ocasionalmente inverso.

4. ESTUDO DE CASO

No momento em que iniciava a pesquisa tendo em vista a obtenção do grau de Mestre em Ciências do Movimento Humano, num colégio estadual de Porto Alegre, fiz algumas observações de Miguel. O seu jeito de correr e de estar despertou em mim uma enorme curiosidade, pois nunca tinha observado uma pessoa em idade tão tenra, com trejeitos femininos.

Miguel freqüentava o jardim B e passaria no semestre seguinte para a primeira série do primeiro grau da mesma escola.

Quando iniciei o estudo propriamente dito, em Março de 1998, Miguel já não se encontrava mais na pré-escola, mas decidi integrá-lo no meu estudo pelas suas características peculiares e, por ser uma das poucas crianças que brincavam com crianças do sexo oposto. Portanto, as poucas observações realizadas desta criança foram feitas enquanto ele freqüentava a pré-escola. As entrevistas com sua mãe e professoras (pré-escola e série inicial do primeiro grau), foram realizadas no período em que ele cursava a primeira série do primeiro grau, momento em que também recolhi seus desenhos e efectuei a entrevista com ele.

Poucas foram as observações em situação de jogo livre que pude realizar do Miguel, porém, as informações pertinentes ao seu comportamento foram recolhidas com base nos relatos de suas professoras de jardim B e de primeira série do primeiro grau. Em primeiro lugar, descrevo seus comportamen-

tos de acordo com as informações recolhidas com a professora do Jardim B, para depois relatar seus comportamentos com base nas informações da professora responsável por sua alfabetização.

A preferência de Miguel quanto a jogos e brincadeiras era pelo teatro e casinha. Com as fantasias existentes na casinha, as crianças montavam teatros, vestindo os seus personagens e Miguel adorava caracterizar-se de mulher, *madame* rica, fazia desfile de modas, enfim, sempre com *glamour*! A professora referiu que ele adorava uma *écharpe* de plumas negras e quando ele falava, fechava os olhos, falava com o corpo todo, com entusiasmo. No entanto, às vezes desempenhava o papel de pai ou de dindo. Gostava também de brincar de amarelinha e sempre de atividades mais tranquilas.

Quando lhe era dado espaço dentro do grupo, como por exemplo, na rodinha dentro da sala, onde a professora permitia que todos falassem, Miguel "tomava conta!" Os seus relatos eram em torno do que ele tinha ou do que ia ganhar, exibindo-se e tornando-se até chato para as outras crianças. Contava histórias fantasiosas e seus colegas várias vezes as colocavam em causa.

Era uma criança que necessitava do apoio da professora, dava desculpas para não enfrentar os desafios propostos e acabava por não fazer o que lhe era solicitado, ficando desesperado ao ponto de faltar à escola durante um período. A sua mãe comentou, nesta altura, que ele passava mal na hora de ir para a escola, e que por esta razão ela não o levava. De acordo com o relato da professora:

"Quando as outras crianças o atrapalhavam costumava berrar muito. Quando se sentia sem mais recursos, chorava dramaticamente; aliás, todas as suas reacções eram muito dramáticas! Ele era bastante impaciente, demonstrando, às vezes, raiva quando contrariado." (Entrevista nº13, 04/06/98)

Ela continua seu relato dizendo que, apesar de Miguel fazer de tudo para não ficar isolado, o grupo isolava-o.

"As outras crianças não brincavam muito com ele, então, quando conseguia entrar nas brincadeiras, Miguel tinha de se submeter às regras do grupo. No entanto, em algumas situações, chegou a ser líder, embora por pouco tempo, pois ele chegava a ser exagerado e autoritário. A maior parte das vezes, era ignorado pelos outros tornando-se um elemento excluído do grupo." (Entrevista nº13, 04/06/98)

O relato da professora pré-escolar é reforçado pelo da

professora de primeira série de Miguel. Na entrevista que me deu, relatou o seguinte quanto ao relacionamento de Miguel com ela:

"Agora está bom. Porque antes foi péssimo! No sentido de ele me enfrentar, não aceitar as ordens, não acatava, não queria trabalhar, qualquer trabalho que fosse novidade ele não queria experimentar, ele só queria o que ele sabia fazer, nada mais. Fazia escândalos! Me ameaçou até dizer chega! Que a mãe ia para a Secretaria Estadual de Educação (SEC/RS), que me ia botar para fora, que eu não sabia dar aula, que eu não gostava dele, que eu estava errada e que não era assim... Eram esses os problemas dele." (Entrevista nº12, 03/06/98)

Este ano costuma brincar no recreio mais com as meninas do que com os meninos, de acordo com a sua professora. Com as meninas, brinca de amarelinha, de pular corda, de ficar conversando e passeando com elas. Com os meninos ele corre, não conseguindo interagir com eles. "Termina os guris sempre isolando ele!", disse a professora.

Dentro da sala, o relacionamento dele com os colegas é bom, mas todo o mundo já o pegou para gozação, e continua:

"Ele tem uns trejeitos bem femininos! Tem horas que ele põe a mão na cintura, dobra a mãozinha... Os colegas já comentaram "pa-

rece, professora, que ele não é bem homem!" (Entrevista nº12, 03/06/98)

Quando entrevistei Miguel fiz-lhe a seguinte pergunta:

Eu - Quando tu cresceres queres ser pai ou mãe?

Miguel - Humm...pai.

Eu - Se pudesses escolher entre ser menino ou ser menina, o que escolherias?

Miguel - Menina.

Eu - E que nome darias a essa menina?

Miguel - Laura.

(Entrevista nº9, 01/06/98)

Miguel demorou um pouco para responder se queria ser pai ou mãe quando crescesse, demonstrando-se até um pouco indeciso. Quanto à segunda pergunta, evidenciou o desejo de ser menina, se assim fosse possível.

Com relação aos seus desenhos, antes de esboçar o da figura humana, perguntou-me se era um menino ou uma menina que deveria desenhar. Respondi que poderia desenhar o

que entendesse. Esta preocupação pode expressar confusão em relação ao papel do seu próprio gênero. Vários outros aspectos nos seus desenhos de figuras humanas, apontam para este fato. O corte vertical, designando o nariz, começar por desenhar uma figura feminina, todos estas representações podem significar inversão sexual ou confusão de identificação sexual.

Seus desenhos demonstram confusão em relação ao seu gênero e denotam um caráter depressivo, pelo tamanho diminuto e posição das figuras desenhadas.

Miguel tem uma irmã de doze anos. Segundo depoimentos de sua mãe, em casa ele gosta de brincar com carrinhos com controle remoto, todavia, na entrevista com ele, disse-me que às vezes brincava com as bonecas de sua irmã.

Resumindo o que anteriormente foi dito, Miguel não é um menino extremamente feminilizado, mas os seus modos efeminados diferenciam-no dos outros meninos, sendo rotulado, às vezes, de "bicha" pelos seus colegas. Brinca mais com as meninas e suas brincadeiras preferidas são estereotípicas delas. Na casinha, adora vestir-se de mulheres *glamourosas*, demonstrando excitação nestes momentos. Não me foi possível descobrir se em casa este comportamento também se manifestava, mas provavelmente sim. Desejava ser menina, se pudesse escolher, no entanto, este desejo apenas foi manifestado aquando da entrevista por mim realizada.

Os comportamentos citados acima podem ser levados em conta como potencialmente sintomáticos do distúrbio de identidade de gênero.

A respeito da condição apriorística para o surgimento destes tipos de manifestações, Graña (1996), menciona uma distorção profunda da matriz familiar ao nível das identificações, a qual é corroborada pelas pesquisas de Stoller.

Stoller (1993), propôs uma hipótese para os meninos que, na ausência de circunstâncias biológicas especiais, têm mais feminilidade do que o normal: "quanto mais mãe e menos pai, mais feminilidade" (p.48). A ausência do pai, física ou não, impede que o menino se separe psicologicamente, de uma forma adequada, da mãe e de seu universo feminino.

Stoller, diz ainda, que para compreender o processo de feminilização se precisa de estudar três gerações. Aqui farei a comparação das descrições referidas por Stoller com a história narrada pela mãe de Miguel.

A avó do menino é uma mulher que não tem amor pela filha (a mãe de Miguel foi adotada com dois anos por outra família, embora tenha contacto com a sua mãe biológica). A menina, inquestionavelmente mulher, sentiu desde o nasci-

mento que ser mulher era algo sem valor, sendo sempre tratada por sua mãe biológica sem afecto e sem respeito. A menina começou então, a agir como um menino, recusando-se a usar roupas de menina, a brincar apenas com meninos ("Ai, eu acho que eu sempre gostei de tênis, abrigo e bola. Brincava sempre com os meus irmãos. Subia nas laranjeiras... Eu sempre andava junto com os gurus, a minha irmã sempre de lado. Nos dávamos muito bem, mas ela achava que o meu jeito era sempre masculino").

Com as mudanças da puberdade, a menina abandonou as suas maneiras de menino ("...aí nós viemos para Porto Alegre, aí a minha mãe achava que aquele meu jeito era meio estranho! Aí sim, aí mudou"). Em certo momento, ela casou com um homem distante e passivo. Um homem que não se envolveu com a família e que não estava fisicamente presente a maior parte do tempo ("o pai da Cláudia quando soube da minha gravidez, se apavorou! Então, o pai da Cláudia desapareceu...").

Depois nasceu um menino, filho de um outro homem. A mãe ficou muito feliz com o nascimento deste menino e, conforme supõe Stoller, é esta maternidade apaixonada que produz a feminilização, ou por outras palavras, que impede o desenvolvimento da masculinidade do menino.

Stoller cita a Drª Paulina Kernberg, a qual amplia as suas idéias acerca do significado do filho para a mãe:

"...a mãe destes meninos considera a criança como uma versão idealizada dela própria, ou da criança que, ela acredita, a avó materna teria gostado. A mãe, então, restabeleceria uma relação objectal na qual ela desempenha o papel de sua própria mãe, desta vez encantada com a sua filha-menino, isto é, seu filho feminino...A mãe vê a criança como uma filha, uma auto-imagem melhorada...Seria um restabelecimento, por parte da mãe, de uma diáda da mãe ideal (ela própria) e do eu-ideal (seu filho)". (p.55)

Neste ponto, era de se esperar que o pai interrompesse o processo. Mas ele foi escolhido justamente por ser a pessoa que não estaria lá — e ele não está (o pai não mora com eles, tem 48 anos e ainda mora com a mãe, avó paterna de Miguel). A segunda principal função do pai — servir como um modelo de masculinidade de seu filho — também não é possível. Ele simplesmente não está presente.

Quando o menino está suficientemente crescido para brincar com outras crianças, ele reúne-se às meninas nas suas brincadeiras (Miguel gostava de brincar na casinha e às vezes de se fantasiar de menina, obs.4). No entanto, pelo menos neste caso, pelas poucas observações feitas, detectei pouca aceitação tanto pelos meninos como pelas meninas o que coincide com um depoimento da sua professora do jardim B:

"Miguel não é muito aceite pelo grupo de meninos, eles riem dele; O grupo de meninas não abre muito". (Entrevista nº13, 04/06/98)

Tal como refere Stoller, "a sua feminilidade faz com que seja alvo de brincadeira por parte de outros meninos, mas raramente por parte das meninas" (p.56).

O fato de Miguel encontrar dificuldades para agrupar-se, mesmo com o sexo feminino, sugere a existência de problemas de desenvolvimento que afetam, da maneira mais geral, as suas relações interpessoais.

Então, o conjunto dos comportamentos descritos, podem ser levados em conta como potencialmente conotativos do distúrbio de identidade de gênero, tal como apresentado nos manuais.

Não sugiro que esta interpretação seja, em algum sentido, conclusiva. O objetivo é simplesmente mostrar como a observação do jogo, levado em consideração com outras circunstâncias, pode sugerir hipóteses razoáveis que necessitam, porém, de investigações adicionais que as justifiquem.

5. CONCLUSÃO

O jogo tem uma essência que pertence ao domínio do espírito. Apesar de ser livre e voluntário, definido essencialmente como uma combinação entre liberdade, limite e invenção, o jogo obedece a determinadas regras ao recriar metaforicamente a realidade. Regras e limitações essas, impostas pelos esquemas sociais e culturais enraizados que se apresentam à criança que brinca. O jogo oferece, no entanto, a possibilidade de desfrutar de múltiplas possibilidades de existência no terreno da ilusão. A realização de desejos pode, assim, manifestar-se através do jogo, inclusive podendo apresentar-se como uma expressão da esfera da sexualidade.

Não são muito freqüentes as crianças que apresentam nas suas brincadeiras condutas que normalmente são típicas do sexo oposto. Quando estas condutas aparecem, de uma forma usual, são motivo de preocupação por parte dos adultos que lidam com as crianças e a ideia de que estas se tornarão adultos com escolhas sexuais diferenciadas, põe em causa os conceitos estabelecidos por uma sociedade onde a escolha heterossexual predomina. De fato, quando os papéis de gênero da criança são típicos do sexo oposto, exibidos através dos seus comportamentos, inclusive ao brincar, torna-se importante descortinar se estes comportamentos são apenas exploratórios e passageiros, ou se refletem problemas relacionados com o desenvolvimento da identidade de gênero da criança.

"O jogo oferece a possibilidade de desfrutar de múltiplas possibilidades de existência no terreno da ilusão."

Quando se fala em problemas do desenvolvimento da criança, neste caso específico da identidade de gênero, constantemente se esbarra com vastas teorizações. O enfoque de algumas delas centra-se na gênese e tratamento de tais problemas, de modo a promover modificações nas crianças com tais distúrbios. O objetivo de tais modificações orienta-se no sentido de levar estas crianças a se moldarem aos rígidos modelos impostos pela sociedade. Na realidade, esta é uma concepção que encontra no padrão estabelecido a referência para a harmonia buscada. É importante, nesta abordagem conclusiva, referenciar os aportes de Graña, quando questiona: A serviço de quem nos colocamos quando tentamos instituir tais modificações? O que determina que nos ocupemos destes problemas tão críticos da experiência humana? Com a intenção de ampliar os questionamentos de Graña com base na experiência vivenciada neste estudo diria:

O que determina que nos ocupemos destes problemas tão críticos e tão ricos da experiência humana?

Ricos no sentido de nos fazer confrontar com as nossas próprias limitações e necessidades, vivenciar experiências que se constituem na essência do desenvolvimento humano. É a partir da experiência que construímos nossa identidade, forma de ser e de estar no mundo. Descompromissados de juízos de valores e

desvencilhados dos rótulos atribuídos a certos estereótipos de comportamento, tornaremos-nos mais ágeis e efetivos nas nossas relações.

NOTA

Homossexualidade — Atração por indivíduos do mesmo sexo (a classificação foi retirada do DSM).

Transexualidade — descrito no DSM-IV como distúrbio de identidade de gênero.

Travestismo — descrito no DSM-IV como fantasias sexualmente excitantes, impulsos sexuais ou comportamentos envolvendo o uso de roupas femininas por homens heterossexuais.

6. BIBLIOGRAFIA

- AMERICAN Psychiatric Association (1980): *Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-III. Third Edition*. Washington: American Psychiatric Association.
- AMERICAN Psychiatric Association (1987): *Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-III-R. Third Edition Revised*. Washington: American Psychiatric Association.
- AMERICAN Psychiatric Association (1994): *Diagnostic and statistical*

manual of mental disorders: DSM-IV. Fourth Edition. Washington: American Psychiatric Association.

DOCTER, F. (1988): *Transvestites and transsexuals. Toward a theory of cross-gender behavior.* New York: Plenum Press.

GRANA, R. (1996): *Além do desvio sexual.* Porto Alegre: Artes Médicas.

HAROIAN, L. (1992): Sexual problems in children. In E. Walker & M. Roberts(Eds), *Handbook of clinical child psychology* (pp.431-445). Second Edition. New York: John Wiley & Sons.

REKERS, G., MILNER, G. (1978): *Sexual identity disorders in childhood and adolescence.* Journal of Florida Medical Association, Nº65, p.962-964.

STOLLER, R. (1993): *Masculinidade e feminilidade: apresentações do gênero.* Porto Alegre: Artes Médicas.

UNITERMOS

Distúrbio de identidade de gênero; distúrbio de comportamento de gênero.

***Paula Cristina dos Santos Rodrigues** é Licenciada em Educação Física pela Universidade do Porto. Mestre em Ciências do Movimento Humano pela ESEF/UFRGS.

Este artigo foi escrito com base na pesquisa realizada tendo em vista a obtenção do grau de mestre em Ciências do Movimento Humano, com o título de "Crianças não segregadas por gênero no jogo livre".